



Prova de Fogo

Pedro Bandeira

Editor: Fernando Paixão

Editora Assistente: Carmen Lucia Campos

Suplemento de leitura: Shirley Aparecida de Souza

Antes de escrever este texto fiquei pensando na maneira mais interessante para apresentar o Gil. Acabei resolvendo ser natural e descrevê-lo sem rodeios.

Gil é um garoto quase da sua idade. Você deve conhecer muitos iguais a ele: não é muito bom nas coisas que faz, nem muito ruim... não é alto, nem baixo... nem magro, nem gordo... o próprio Pedro Bandeira diz que Gil é o típico "cara médio", como tantos que existem em nosso mundo e não conseguem se destacar no que fazem, passando quase

sempre despercebidos.

O nosso personagem tem um problema maior ainda: está apaixonado e não consegue chamar a atenção da garota de quem gosta.

Mas como todo mundo pode ser alguém especial, bastando aproveitar as oportunidades para mostrar aos outros o que se é na realidade, Gil resolveu tentar. Ele nem imaginava a prova pela qual teria que passar!

Você vai se envolver com a aventura deste livro e, com certeza, ficará surpreso quando ele acabar porque a emoção, o perigo e o ritmo o levarão ao final da história num piscar de olhos.

O Editor

Às vezes, a gente se sente apenas um número sem importância no meio do sufoco que é a vida. Nesta história, eu quis discutir aquele momento em que alguém é submetido a uma prova de fogo e tem de provar que não é apenas um número.

Pedro Bandeira

Sumário

1. Onde está Pris?
2. Flores amarelas
3. Na mansão dos Bradford
4. Pior do que um seqüestro?
5. O soco no rosto
6. A agonia da espera
7. Quanto vale um garotinho?
8. A metade de uma cebola
9. O que, como, quem e onde
10. O sono dos anjos
11. Talco e laxante
12. They aren't kidding
13. Deliciosos sanduíches!
14. O último rato
15. Uma ou duas pessoas

Onde está Pris?

A aula era de Química. Matéria nova para a turma que iniciava o colegial.

O professor havia pendurado na frente do quadro-negro um cartaz grande, cheio de casinhas de várias cores, como o mapa de uma colméia.

— Todos os elementos químicos estão aqui, pessoal. Esta é a famosa tabela periódica dos elementos, criada em 1860 pelo russo Mendeleiev...

Cotovelos na carteira, Gil apoiava o queixo nos punhos fechados. Química, Física, Biologia, tantas matérias novas! Assim como a Matemática. Tudo diferente do primeiro grau. Tudo mais que no primeiro grau...

Debaixo dos cotovelos de Gil, o fichário aberto. Debaixo do fichário, a prova de Matemática que acabara de ser entregue na aula anterior, corrigida pela professora. Tinha sido uma prova de avaliação de conhecimentos básicos. Tudo que os alunos deveriam dominar para que pudessem acompanhar a matéria nova que vinha pela frente. Foi o que a professora tinha dito, antes daquela prova infernal, de surpresa. E logo na segunda aula do ano!

Escrito em vermelho no alto da página, ali estava o conceito que Gil tinha recebido na prova: médio.

Médio!

Na primeira carteira, na fila do gargarejo, dava para ver a nuca do Olavo. O conceito do Olavo tinha sido ótimo, naturalmente. O Olavo era sempre o melhor aluno da classe, junto com a Marlene. Durante todo o primeiro grau, os dois disputaram as melhores notas da turma como se fossem dois boxeadores lutando pelo título mundial.

Gil jamais tinha participado dessa disputa. Ele sempre estivera entre os médios... Aqueles que vão passando e pronto.

Ao lado do garoto, estava o Marcelão. O melhor jogador de futebol da escola. Aquele que desequilibrava qualquer partida. Aquele que era sempre o primeiro a ser escolhido na hora de se dividirem os times no recreio.

Nunca alguém escolheu Gil em primeiro lugar. Também não era o último a ser escolhido. Ficava lá pelo meio...

Do outro lado da classe, sentava-se o Álvaro, o líder da fanfarra da escola. O pão. O gato. O xodó das meninhas da sexta série até o colegial. Já tinha até feito um comercial

para a tevê! Um de pasta de dentes, o maior sucesso do horário nobre. Bom, pelo menos para as fanzocas do Álvaro.

Já o Gil não. Nenhuma garota jamais demonstrara qualquer interesse particular em relação a ele.

Também ninguém virava a cara, porque espinhas ele não tinha. Bem, só uns poucos cravos, como todo mundo.

Também jamais algum professor havia botado o Gil para fora da classe. Não era conversador nem bagunceiro, como a turma do fundão.

Não pertencia nem à turma da pesada, o pessoal das motos e das aprontações, nem à turma das notas sempre azuis, nem ao pessoal riquinho, que se reunia nos fins de semana nos clubes da moda.

Era comum que, no final de cada ano escolar, os professores soubessem de cor os nomes da maioria dos alunos da classe. Também, em relação a alguns, tinham passado o ano gritando "Fulano, fica quieto!" ou "Sicrano, pare de conversar!" Tinham de acabar decorando esses nomes, não é?

Acostumavam-se também com aqueles que sempre lideravam os trabalhos em grupo, faziam as melhores perguntas nos debates e tiravam as melhores notas.

No caso de Gil, até o último dia de aula, era comum algum professor perguntar:

— Como é mesmo o seu nome, menino?

Gil era assim. Não era bonito nem feio, gordo nem magro, alto nem baixo, tímido nem falante. Gil era médio.

— ... durante os próximos três anos, vamos nos familiarizar muito com essa tabela — continuava o professor. — Com as iniciais tiradas de seus nomes latinos, aqui estão todos os elementos que, isolados ou combinados, compõem toda a matéria existente na face da Terra...

As palavras entravam pelos ouvidos de Gil como uma música estranha, pouco mais inteligível do que o zumbido das abelhas que habitariam aquela estranha colmeia colorida pendurada no quadro-negro.

A expressão era de aluno atento às palavras do professor, mas os olhos só enxergavam a carteira à frente da sua. A carteira onde deveria estar o lindo traseirinho de Pris.

"Por que será que ela faltou hoje?"

Pris sempre passava por Gil como se o rapaz não estivesse ali. Respondia quando ele lhe perguntava alguma coisa e fim de papo. Também, toda vez que ele criava coragem

para falar com a menina, acabava fazendo perguntinhas bobas:

— Hoje tem aula de Desenho Geométrico, Pris. Você trouxe o compasso?

— É claro que eu trouxe.

E o papo morria sem ter começado. Pelo menos, Sol ela tivesse esquecido o compasso, ele poderia emprestar-lhe o dele e... e quem sabe ali não começasse uma coisa entre os dois? Pensando nisso, Gil sempre trazia dois compassos na mochila, mas Pris nunca esquecia de trazer o dela.

"Por que será que Pris faltou hoje?"

Gil tinha a impressão de que poderia girar algum botão para apressar a voz do professor, como quando a gente aperta "FF" no toca-fitas. Assim, ele poderia fazer chegar logo o recreio e a turma morreria de rir, ouvindo o professor de Química falar com voz de ratinho de desenho animado.

"Por que será que ela faltou hoje, hein?"

* * *

Na hora de costume, o recreio acabou chegando e Gil encontrou uma ficha telefônica na mochila.

Correu para o orelhão que ficava no pátio do colégio e ligou para a casa de Pris...

O telefone tocou, tocou e tocou. Ninguém atendeu.

"Bom, os pais dela trabalham o dia inteiro. Mas, se ela está doente, por que não ficou em casa?"

Recuperou a ficha e correu para a cerca de azaléias que separava as crianças do maternal.

Sabia a quem procurar. Um pequeno de cachinhos louros e sardento como uma banana madura.

O pequeno Mark Bradford não estava no meio do grupo de fedelhinhos de polegar na boca.

Voltou para o pátio e discou para a casa dos Bradford.

Atendeu uma voz de homem. Nervosa e com um forte sotaque americano.

— Hello!

— Eu... eu queria falar com a Pris... — Quem quer falar com ela?

— Ninguém... quer dizer, eu...

— O que você quer com ela?

— Nada... deixa pra lá...

Gil desligou. Algo, em seu íntimo, soava como um aviso. Alguma coisa não estava bem.

2. Flores amarelas

"Preciso ir até lá..."

O garoto conseguiu driblar o bedel encarregado de impedir que algum aluno saísse da escola sem autorização e pulou facilmente o muro da frente. A casa dos americanos ficava a poucos quarteirões da escola. Quase correndo, logo chegou à alameda onde morava o pequeno Mark Bradford.

O pequeno Mark. O único filho do casal Bradford, americanos que garantiam algum ganho para Pris com um costume raro no Brasil: usar uma jovem estudante para tomar conta do filho quando o casal sai de casa à noite. Baby sitter, diziam eles.

É claro que a criança tinha a sua babá, chamada nanny pelo americaninho, mas a gorducha saía sempre antes do jantar. Desse modo, quando o casal tinha de comparecer às recepções noturnas que a Posição social do pai exigia, Pris levava seus cadernos e ia fazer as lições no imenso casarão dos Bradford.

— Mark dorme tão bem... — dizia Pris para todo mundo. — Não dá nenhum trabalho.

Um dinheirinho fácil de ganhar.

Muitas vezes, quando o casal pretendia voltar tarde da noite, Pris dormia no casarão, em um apartamento de hóspedes ao lado do quarto do menino. De manhã, ia direto para a escola com o lourinho.

"Acho que ela dormiu lá esta noite", pensava Gil. "Mas por que nem ela nem Mark foram à escola?"

A casa ficava numa alameda linda, como são as ruas dos bairros ricos. Sibipirunas, acácias e ipês formavam um dossel sobre o asfalto e misturavam-se às árvores e arbustos sofisticados dos jardins das residências. O verão já estava no fim e milhões de pétalas amarelas forravam o chão, àquela hora da manhã.

Fazia um friozinho pequeno, gostoso, e a atmosfera era cheirosa e fresca, como se alguém tivesse usado um grande spray de perfume francês para borrifar a paisagem.

Encarapitado no alto de um poste, um trabalhador fazia algum conserto nos fios.

A frente do casarão, uma perua grande, bastante malhada pelo uso, com chapa particular. Estava tão enfeitada de pequeninas flores amarelas quanto o calçamento.

Um Mercedes novinho estava estacionado no corredor da garagem da casa dos Bradford, com a capota ainda úmida do orvalho da noite e salpicada de florzinhas roxas caídas das quaresmeiras do jardim.

Durante um longo momento, Gil permaneceu parado em frente às grades do casarão dos Bradford. Não apertou a campainha.

"O que terá acontecido? Preciso pensar..."

Tinha corrido até ali sem um plano especial. Corrido para Pris. Mas agora tinha de respirar com calma, para tentar formar uma hipótese que pudesse explicar a sensação desagradável que a voz do americano ao telefone lhe causara.

Gil gostava de Pris. Muito. Mas, até agora, não tinha sido nem um pouco correspondido. Se nada de diferente tivesse acontecido, na certa a menina ia achá-lo ridículo por ter vindo àquela hora da manhã à casa dos americanos.

— Quem te deu licença de vir aqui? — perguntaria a garota. — Por que é que você tem de se meter, Gil?

— Porque eu gosto de você, Pris... — responderia ele.

Responderia? Responderia nada! Ele não teria coragem.

Saindo por uma porta lateral da mansão, surgiu uma mulher.

A gorda babá do pequeno Mark. A nanny. Seu rosto estava vermelho. Parecia ter chorado. Dirigiu-se para o amplo terreno dos fundos da casa, onde ficavam as construções de serviço.

Gil percebeu algum movimento, talvez alguém espiando por uma fresta das cortinas.

Em seguida, um homem de terno apareceu pela mesma porta lateral por onde surgira a babá e começou a correr em sua direção.

O garoto pensou em recuar e desaparecer dali mas, naquele momento, sentiu um cutucão duro em suas costelas.

Parou, gelado.

O homem que vinha de dentro apontava-lhe um revólver, fazendo mira bem entre os olhos do garoto:

— Paradinho aí! Nem pense em mexer um músculo!

3. Na mansão dos Bradford

Mexer um músculo seria a última coisa em que Gil pensaria, com o cano de um revólver apontado para a cabeça e outro espetando-lhe as costelas.

Com esforço, o homem de dentro abriu o pesado portão de ferro, que girou fazendo um barulho que exigia graxa há muito tempo.

O sujeito que chegara por trás torceu brutalmente seu braço às costas, contra a mochila. — Ai, o que é isso? Eu só estava passando... — Quietos!

Com pressa, o sujeito que abria o portão agarrou-lhe a gola do blusão e empurrou-o para a frente.

Em segundos, Gil estava dentro do casarão, onde nunca tinha pisado antes.

Foi arrastado para o salão do andar térreo, quase podendo sentir a maciez dos tapetes através das solas dos tênis.

Sentado na beirada de um sofá, no centro da sala mal à vontade, como se aquela não fosse a sua própria casa, estava o casal de americanos.

Gil nunca vira pessoalmente o famoso J. J. Bradford, o poderoso presidente de uma multinacional de alimentos. Mas sabia quem era o homem, pois aquele rosto cheio de sardas era conhecido de quem lia as colunas sociais e os cadernos de economia dos jornais.

Pálido como cera, J. J. Bradford enlaçava os ombros da esposa, tentando confortá-la.

A um canto, o garoto reconheceu uma linda silhueta, encolhida e perturbada. Pris! A menina estava a uns dez metros, mas Gil pôde perceber que seu lindo rostinho estava machucado.

O homem que o agarrava pela gola empurrou-o para a frente.

— Dacosta, encontramos esse moleque bisbilhotando lá fora!

O rapaz deu de cara com um grandalhão, de terno surrado, que o olhava, surpreso.

Arrastado como um criminoso, o rapaz foi atirado de bruços em um sofá.

O sujeito continuou segurando seus braços nas Rostas, quase o esmagando com o peso do corpo.

O outro começou a revistá-lo, com mãos brutais.

Sua mochila foi esvaziada. Livros e cadernos iram sobre o tapete. Até os dois

compassos...

O sujeito revirou os cadernos, quase rasgando as folhas.

Procurava o quê? Seus desenhos do rostinho e Pris?

A senhora Bradford levantou-se e avançou em direção a Gil, ansiosa. O marido a conteve, sussurrando alguma coisa.

A arma encostou-se à testa de Gil e uma voz ameaçadora perguntou:

— Fale, garoto! O que você estava espiando? Quem é você?

Quem falava era o homem grande.

Contorcido sobre o sofá, Gil tentou encará-lo. — Está olhando o quê, moleque? O que você quer? Sabe de alguma coisa? Fale!

Os braços torcidos nas costas começaram a doer e Gil fez uma careta. Olhou vesgo para o negro tubo de metal encostado em sua testa e respondeu, timidamente:

— Meu nome é Gil. Sou da mesma classe de Pris. Vim para falar com ela...

— Pris? A garota? O que você quer com ela? O que você sabe?

Do outro lado da sala, a voz de Pris veio em socorro de Gil:

— Ele é um colega da minha classe, doutor Dacosta. Não tem nada a ver com tudo isto. Pode largá-lo. Por favor...

O homem que a menina chamara de doutor Dacosta fez um sinal com a cabeça. A arma foi abaixada e o aperto em Gil afrouxou-se.

O rapaz ajeitou-se no lugar, sem desviar os olhos do homem com o revólver.

Pris o tinha defendido! A ele, Gil!

— Como é mesmo o seu nome? — perguntou Dacosta.

— Gil...

— Foi você que ligou para cá ainda há pouco?

— Fui eu sim... eu queria saber se tudo estava bem com a Pris...

— Pois fique sabendo, garoto, que você não tinha nada de vir meter o bedelho pôr aqui. Agora não vai poder sair. Ninguém sai desta casa! Junte os trechos e fique muito quietinho aí, com sua colega. Nem um pio, hem?

Gil nem piou nem falou.

Abaixou-se para juntar seus pertences espalhados pelo tapete.

O doutor Dacosta voltou para perto do sofá e ficou cochichando com o casal de americanos.

Os três pareciam hipnotizados por um aparelho telefônico colocado na mesinha de centro.

A mulher soluçou.

4. Pior do que um seqüestro?

Uma onda de calor encostou-se ao garoto. Pris! Vinha ajudá-lo a recolher os cadernos espalhados.

Gil pegou um deles, amarrotado pelas mãos do policial que o revistara. Ficou alisando o caderno e olhando para a menina, com o rabo dos olhos. Na linda face direita, havia uma mancha grande, arroxeadada.

— Por que você apareceu por aqui? — perguntou Pris, num sussurro, com impaciência. — O que é que você tinha de fazer aqui? Não podia ter escolhido uma ocasião pior...

O que poderia ser pior para Gil do que o desprezo de Pris?

— Pior do que um seqüestro, Pris?

A menina arregalou os olhos:

— Seqüestro? Como sabe que houve um seqüestro? O garoto baixou os olhos, ocupando-se com os cadernos, a enfiá-los na mochila:

— É fácil adivinhar, Pris. Nem você nem o pequeno Mark apareceram no colégio hoje...

— E daí? Como você poderia adivinhar que...

— Você e Mark podem faltar às aulas quando quiserem, Pris. Só que eu liguei para sua casa e não havia ninguém.

— Para a minha casa? Como é que você sabe o meu telefone?

— Eu... bem, lembra daquela vez que eu pedi o número do seu telefone por causa daquele trabalho de Estudos Sociais?

— Não.

— É, você esqueceu. Eu acabei achando o inúmero esquecido no fim de um velho caderno e: resolvi ligar. E que eu queria perguntar se você ainda tinha as anotações de Matemática do ano passado. E pensei: se ela está doente, deve ficar descansando em casa, não? Depois, liguei para cá e o americano atendeu, com uma voz nervosa.

— Para cá também?! Como é que você...?

— Nada. Era só por causa das anotações de Matemática. Eu sabia que ontem era noite de tomar conta do Mark.

— Você anda sabendo muita coisa, Gil...

O rapaz desconversou, insistindo com mais firmeza nas razões de sua desconfiança:

— Na certa, você dormiria aqui e depois iria direto para a escola levando o menino.

— E... eu tinha mesmo de dormir aqui esta noite...

— Assim — continuou Gil —, se você tivesse adoecido, ou se o doentinho fosse o Mark, você deveria estar aqui, não é? Resolvi então dar um Pulinho só pra saber o que estava havendo. E a única coisa que faltava era uma placa na porta: "Atenção — nesta casa foi seqüestrado um garotinho chamado Mark..."

— O quê? Como assim?

— Há uma perua estacionada na frente da casa. Tem chapa de carro particular, mas só a Polícia usaria um carro como aquele. Você não voltou para casa e a babá do Mark apareceu chorando. Você esteve ontem à noite aqui, sozinha com o menino, e eu a encontro machucada, com a marca de um soco no rosto... Está doendo muito?

— Muito? Não muito...

— Ótimo. Mas tem mais: a voz do J. J. estava nervosíssima quando atendeu o meu telefonema. Esperava um contato com os seqüestradores, na certa. E, agora, o tal Doutor Dacosta perguntou se eu sei de alguma coisa. O que mais é preciso para concluir que o pequeno Mark foi seqüestrado?

Pris não respondeu. Olhou fixamente para o rapaz, como se pela primeira vez tivesse prestado atenção nele. Gil a surpreendera, não havia dúvida nenhuma.

— Bem, Gil... eu... eu estava aqui, estudando Biologia quando...

Confusa, a menina tentou enfiar um dos cadernos na mochila do rapaz. O caderno abriu-se e uma das páginas revelou um desenho a lápis, um lindo rosto adolescente, muito bem desenhado.

— Ei! Esta sou eu!

Num repelão, Gil tomou o caderno das mãos de Pris.

— Você? Que nada! E um desenho qualquer... — Ora, Gil! Você nunca me disse que...

— Eu já lhe disse tudo o que pude deduzir. Agora é a sua vez de entrar com os detalhes, Pris.

A menina dispôs-se a contar tudo o que já relatara aos policiais. Repetiu tudo com

esforço, como se fosse doloroso para ela relembrar os acontecimentos da noite anterior.

Sem interromper nem uma vez, Gil ouviu atentamente a narrativa de Pris, anotando mentalmente cada detalhe.

5. O soco no rosto

Pris já conhecia o casarão dos Bradford como se fosse sua própria casa. E o pequeno Mark já conhecia sua amiga Pris como se a garota fosse sua irmã mais velha. Os dois se gostavam como se realmente fossem irmãos.

Mark só tinha três anos. Mas entendia normalmente duas línguas. O inglês dos pais e o português aprendido com os empregados, com a televisão e com Pris, mesmo antes de entrar na escola.

A menina sabia que, nas noites de "ficar com Mark", sua principal função seria contar histórias com o garoto no colo, até que o sono o vencesse. Aí, era só deixar o pequeno Mark abraçado ao seu ursinho e descer para o salão.

* * *

O relógio marcava dez horas quando Pris apagou as luzes da sala e acomodou-se no sofazinho de sempre. Acendeu um abajur e abriu a pasta de Biologia sabendo que tinha todo o tempo de que precisasse. O garotinho nunca acordava durante a noite e não dava trabalho nenhum.

Aquela hora, o salão deserto parecia ainda maior. Todo o apartamento onde a menina morava caberia ali com bastante folga. Sua única companhia eram as duas estatuetas gregas, que ladeavam a entrada do corredor, nos fundos, como dois guardas e mármore.

A matéria, sobre a classificação dos répteis, funcionou como um calmante. No meio das cobras e os lagartos, Pris adormeceu no sofá.

Algun ruído que perturbara o sossego daquela arreda residencial fez com que a menina despenasse.

Sentou-se no sofá, esfregando os olhos.

Mas, antes que pudesse pôr as idéias em ordem, a luz do abajur apagou-se.

Pris sobressaltou-se. Não com o escuro, mas com um estalido que veio dos fundos da casa, da direção da cozinha, junto com o apagar do abajur.

— Quem está aí?

A voz de Pris saiu assustada e ela encolheu-se no sofazinho.

A luz da rua entrava pelas frestas das cortinas, iluminando vagamente os móveis e as estatuetas, mo a dar-lhes vida. Uma vida fantasmagórica, irreal.

Nenhum estalido mais.

"Ora, Pris! Deixe de bobagem!", pensou a menina tentando afastar o próprio medo. "A luz vai voltar, já, já. Deixe de imaginar coisas!"

Aos poucos, seus olhos acostumaram-se melhor à escuridão e ela pensou em procurar uma vela na cozinha. Mas a escuridão era total, para aqueles lados. E tinha sido de lá que ela ouvira o estalido.

Naquele instante, Pris percebeu que não estava só.

Foi como se uma das estatuetas de mármore do salão tomasse vida e se fizesse ver, por um relance, vinda da cozinha.

Durante um largo momento, nenhum ruído, nenhuma sombra mais.

De repente, a menina sentiu que havia alguém atrás de si. Levantou-se do sofá no momento em que um par de mãos fortes a agarrava. Debateu-se, conseguiu dar uma cotovelada e ouviu um "uf!".

Alguém se aproximava pela frente. Pris debateu-se no escuro e suas mãos bateram na altura do rosto da sombra.

Um gemido surdo, acompanhado de um palavrão. Uma pancada no rosto. As sombras começaram a girar. Pris sentiu as pernas dormentes.

Caiu sobre o sofá. Quis gritar, mas seu agressor segurava-lhe o pescoço, sufocando-a. A menina percebeu outras sombras que subiam as escadas.

Levavam uma lanterna de mão.

Talvez fossem duas, ou três pessoas. Logo voltavam e Pris percebeu que uma delas trazia alguma coisa no colo. Um embrulho grande...

— Mark! Não! — conseguiu gritar. — Quieta!

A sombra que a agarrava golpeou de novo. No mesmo lugar.

Tudo ficou ainda mais escuro, mas Pris não desfaleceu. Notou que seu agressor saía apressado, acompanhando os outros.

* * *

Um grande silêncio sucedeu à tragédia.

A menina fez um esforço sobre-humano para levantar-se.

Tateou em direção à cozinha. Encontrou fósforos sobre a pia e acendeu um. Já estava no terceiro quando conseguiu encontrar o quadro de luz.

Como ela calculara. A chave tinha sido desligada. Ligou-a de novo e ouviu novamente o clic. Acendeu o interruptor da cozinha.

Na parede de azulejos, o relógio marcava quatro horas.

Suportando a dor que lhe queimava o rosto, Pris subiu as escadas, em direção ao quarto de Mark, em direção ao que já sabia que haveria de encontrar.

Sobre a caminha desfeita, somente o ursinho de pelúcia.

* * *

A voz do doutor Dacosta alteou-se um pouco. Falava andando em volta da sala, sem olhar para ninguém, como se interrogasse as paredes:

— O senhor tem certeza de que me contou tudo, senhor Bradford? Tem certeza de que não sabe de mais nada que possa nos ajudar?

— É claro que tenho certeza! — respondeu com segurança o pai, com um tom de voz de quem não está acostumado a ter suas declarações postas em dúvida.

— O senhor não está com medo, senhor Bradford? — insistiu o investigador. — Não está tentando proteger os seqüestradores com medo de que eles façam alguma coisa ao seu filho?

— Não estou protegendo ninguém! Só quero meu filho de volta!

6. A agonia da espera

Pris saiu do quarto do menino apavorada.

— Meu Deus! Seqüestraram Mark!

Sabia o número do telefone onde os Bradford tinham ido jantar. Desceu correndo

as escadas, em busca do telefone.

O aparelho tocou, antes que a menina chegasse a ele.

Atendeu, sôfrega:

— É a Pris?

A menina ouviu o sotaque de J. J. Bradford.

— Meu filho? O que houve com meu filho?

Pris começou a contar o que acontecera, mas foi interrompida pelo homem:

— My God! Então é verdade! Alguém telefonou para cá, dizendo que Mark estava em poder deles. My God!

— Mister Bradford, eu... — começou a menina.

— Você fique aí, quieta, Pris. Eu e minha mulher voltaremos num instante. Não ligue para ninguém nem faça nada!

* * *

"Os bandidos sabiam até o telefone do lugar onde estavam os pais do menino!", pensou Gil, ouvindo a continuação da narrativa de Pris. "Que organização!"

* * *

Os quinze minutos que a menina esperou pareceram os mais longos de sua vida, até o Mercedes de J. J. Bradford encostar na lateral da casa, em vez de rumar para a garagem, como faria numa ocasião normal.

Dona Nancy, a mãe de Mark, estava trêmula como se tivesse frio, mas tentava segurar o choro. O americano suava, de olhos esbugalhados, olhando para a menina, como se ela pudesse ajudá-los.

Ouviram rapidamente Pris contar o que tinha acontecido e J. J. balançou a cabeça, desorientado.

— Os seqüestradores disseram para eu esperar em casa por outro telefonema...

Por mais um quarto de hora, os três ficaram ali, no grande salão, ao lado do aparelho telefônico, sem ousar dizer mais nada.

Eram quatro e meia em ponto quando o telefone tocou.

— Hello... Sim, eu faço tudo o que vocês quiserem, mas não maltratem o meu filho... Não! Por favor, não desligue!

Lívido, repôs o aparelho sobre a mesa.

— O que foi, Jake? — implorou dona Nancy. — O que eles disseram?

O marido passou o braço pelos ombros da mulher.

— Disseram para esperar... Vão ligar de novo... — Esperar?! Ai, meu Deus!

— Escute, querida — J. J. falava com segurança, encarando a esposa. — Não falei com a polícia até agora;; mas acho que não há outra alternativa...

— Isso nunca! — dona Nancy quase gritava, agarrando o paletó do marido. — E se eles fizerem algum mal ao Mark?

— Vamos explicar o caso a eles, querida. A polícia está acostumada com essas coisas. Podem vir para cá à paisana, sem chamar a atenção. O que não podemos é continuar nessa agonia!

J. J. fez a ligação.

— Hello..., por favor, quero comunicar um seqüestro... — parou de falar, como se esperasse que a ligação fosse transferida para outra pessoa. — Hello? Divisão Anti Seqüestro? Sim, meu filho foi seqüestrado! Meu nome é...

Pris ouviu-o explicar com detalhes tudo o que tinha acontecido e terminar implorando:

— Por favor, venham para cá o mais rápido possível. Mas sem estardalhaço. Se os bandidos saberem que nós chamamos a polícia, podem matar meu filho!

* * *

O relógio ainda não marcava cinco horas da manhã quando três policiais chegaram ao portão do palacete com a discrição pedida pelo pai de Mark.

Se nem de dentro de casa dava para ouvir sua chegada, provavelmente tinham enganado também os seqüestradores.

Quem dava as ordens era o doutor Dacosta, delegado especializado em seqüestres.

* * *

— Aí, foi a minha vez — continuava Pris. — O doutor Dacosta me fez repetir mil vezes o que tinha acontecido durante a noite e a madrugada. Eram quatro horas da manhã, eu disse para ele, e o homem ficou insistindo se eram quatro e cinco ou cinco para as

quatro...

* * *

A manhã nublada começava a surgir, quando Pris ouviu um barulho de chaves, na porta da cozinha.

— Deve ser a nanny do Mark — disse dona Nancy. — Quer dizer, a babá do meu filho...

— Oliveira! — ordenou o delegado Dacosta, para um dos policiais. — Traga essa mulher para cá!

O homem cumpriu a ordem, trazendo pelo braço, meio arrastada, a gorducha babá do americaninho.

Foi só ouvir as primeiras explicações rudes do delegado sobre o que tinha acontecido para que a moça começasse um ataque histérico.

— O Marquinho? Não, não pode ser!

* * *

— Os outros empregados da casa também devem estar chegando, não é? — perguntou Dacosta, depois que, a custo, a babá acalmara-se e fora para a cozinha, em busca de água com açúcar. — Quantos são, senhor Bradford?

— Só a cozinheira, a arrumadeira e o jardineiro...

— Carlão! — ordenou Dacosta para o outro policial. — Vá para a calçada em frente e fique de olho. Quando esses empregados chegarem, dispense todos. Diga que o senhor Bradford deu a eles o dia de folga. Não quero mais ninguém aqui para atrapalhar!

Voltou-se para os outros:

— E vocês: ninguém bote a cara para fora. Não quero que os seqüestradores saibam que a polícia já está na jogada. Precisamos ter cuidado!

7. Quanto vale um garotinho?

A narrativa de Pris tinha terminado.

— E isso foi tudo, Gil... Até agora não houve outra comunicação dos seqüestradores. Passamos esse tempo todo aqui, esperando...

Gil notou que a menina estava morrendo de sono.

"Talvez o cansaço até seja bom para ela... Ela precisa relaxar... Coitadinha!"

Teve vontade de oferecer-lhe o ombro, para que a menina dormisse apoiada nele. Não ousou, porém.

Olhou um relógio elegante, em cima de um móvel. Eram nove e quarenta e cinco da manhã. Seus pais e os pais de Pris trabalhavam o dia inteiro. Até as sete horas da noite não dariam por falta de nenhum dos dois. Estavam presos naquela casa, junto com os pais do menino, a babá e os policiais, até que...

Nesse momento, a campainha do telefone ecoou pela sala e calou todas as bocas.

O fone foi levantado do gancho pelo pai do pequeno Mark, mas a ansiedade de todos naquele salão acompanhou seu gesto.

— Alo! — a voz de J. J. Bradford soou baixo, como se o americano temesse o que ia ouvir.

O aparelho já estava conectado a um gravador, e o tal Oliveira acionou o botão "liga". Sem ruído, a fita começou a girar.

— Sim, sou eu... O que vocês fizeram com...

J. J. Bradford falava com mais sotaque do que de costume.

— Sim, estou ouvindo... Não farei mais perguntas... Quero saber apenas se meu filho está bem... Por favor, não façam nada a ele... — calou-se um pouco, ouvindo. — O quê? Tudo isso? Mas é muito! Como é que eu vou... My God! Não, não, por favor, não!!!

J. J. Bradford repôs o fone no gancho. As sardas ressaltavam-se na palidez do rosto. Dona Nancy o abraçou, ansiosa.

Dacosta apertou uma tecla de um telefone celular e perguntou:

— Como é? Deu para localizar a ligação? Não? Droga!

O policial fez voltar a fita que gravara toda a conversa. Mas, antes que pudessem ouvi-la, J. J. Bradford informou, numa voz desolada:

— Eles... Eles querem um milhão de dólares para cada quilo de peso do meu filho...

* * *

Um silêncio apavorado envolveu a todos. Foi Dacosta quem o rompeu:

— Um milhão de dólares por quilo? Que história é essa?

J. J. Bradford escondeu o rosto nas mãos:

— Quando eu disse que aquela quantia era demais, o outro riu e respondeu que poderia até fazer um desconto, mas que me devolveria só os quilinhos do Mark que correspondessem ao dinheiro que eu entregasse...

A mãe do menino soltou um grito e começou a chorar desesperadamente.

— Mark! Meu Mark! Ai, Deus!

Da cozinha, veio a babá de rosto vermelho. Abraçou-se à senhora e ajudou-a a levantar-se.

— Venha, dona Nancy. Venha comigo. Vou fazer um chá para a senhora. Tudo vai acabar bem, esteja certa...

As duas sumiram pela porta da cozinha.

Dacosta e Oliveira sentaram-se perto do gravador, para ouvir a conversa que o seqüestrador tivera com o pai do menino seqüestrado.

— Demônios! — blasfemava o delegado. — Essa gente devia acabar no inferno!

* * *

J. J. Bradford estava afundado na poltrona. Depois de ouvir a gravação, Dacosta andava nervoso, de um lado para outro.

— E como é que o senhor vai conseguir esse dinheiro?

Gil apertou o braço de Pris.

O americano esfregou os cabelos, penteando e despenteando-os com as mãos.

— É muito dinheiro. Ninguém tem tudo isso!

Dacosta ia e voltava, gesticulando:

— Mas estamos sem nenhuma pista! Nenhuma pista!

— Vou ligar para o meu irmão, doutor Dacosta — decidiu J. J. — Ele é o diretor tesoureiro da empresa. Só ele pode levantar essa quantia!

— Seu irmão, hem? Podemos confiar nele?

— É claro que sim, detetive. É meu irmão e...

— E ele tem esse dinheiro todo?

— É claro que não — respondeu J. J., pegando o aparelho. — Mas, com meu aval,

ele pode levantar empréstimos nos bancos em meu nome. Depois, com meu filho de volta, não me importo se tiver de me desfazer de todo o meu patrimônio para arranjar o dinheiro...

— Ligue para o celular dele — sugeriu o delegado.

— É... — concordou J. J. — É a única maneira de localizá-lo com certeza. Nem sei se meu irmão está na empresa a esta hora...

* * *

Quinze minutos depois, Gil espiava pela fresta das cortinas quando viu aproximar-se do portão um belíssimo BMW.

O policial que estava de sentinela conferenciou um instante com o motorista do carro e abriu o portão.

O BMW, também coberto por florzinhas amarelas, estacionou atrás do Mercedes.

Um motorista baixinho, de uniforme, saiu apressado para abrir a porta para o patrão, mas Norman Bradford já estava fora, correndo para a entrada da casa.

Era um americano alto, magro, com sardas como o irmão mais velho. Ficou furioso quando soube do que estava acontecendo e gritou com J. J. como se o próprio pai fosse o culpado pelo seqüestro do menino:

— My nephew! Bastards! I told you we shouldn't come to this savage country! Savages! Kidnappers!

— Fale português! — ordenou Dacosta rispidamente.

O americano olhou para o delegado como se ainda não tivesse percebido a presença de um homem grande como aquele. E falou em um português perfeito:

— Desculpe, delegado. Mas é que nós jamais podíamos imaginar que uma coisa horrível como essa pudesse acontecer! Desculpe se...

— Não precisa ser educado, senhor Norman. Não temos tempo para isso. Precisamos decidir qual será nosso próximo passo — voltou-se para J. J. — Como é que o senhor pode arranjar esse dinheiro todo em tão pouco tempo?

O delegado, J. J. e Norman Bradford começaram a debater as providências que podiam ser tomadas para conseguir rapidamente o dinheiro do resgate.

Gil espiou pela fresta da cortina. Longe, o policial que Pris dissera chamar-se Carlão, e que lhe espetara o cano da pistola nas costas, abria a porta do camburão. O motorista baixinho, que estivera o tempo todo ao lado do BMW de Norman Bradford, sumiu pela entrada de serviço da casa.

O rapaz continuava com aquela sensação estranha, que tinha começado quando ouvira a voz do pai de Mark ao telefone.

A sensação parecia piorar.

8. A metade de uma cebola

Gil olhou timidamente para o investigador Oliveira e sorriu:

— Vou tomar água. O senhor quer que eu lhe traga um copo?

O homem, carrancudo, virou a cara e não respondeu.

— Vem comigo, Pris?

Os dois jovens foram para a cozinha, cruzando com Nancy Bradford na passagem entre as duas estátuas baixas de mármore.

A mulher, mais refeita, juntou-se ao marido, ao delegado e ao cunhado, que continuavam a discutir em voz baixa o que fazer para conseguir o dinheiro até o fim do dia.

J. J. pegou o telefone e pediu para falar com "o presidente". Como falava em inglês, devia ser o presidente de alguma empresa ou de algum banco.

Quando Gil e Pris entraram na copa, o motorista baixinho estava sentado à mesa do café da manhã. Tinha tirado o paletó, que agora estava no espaldar da cadeira. A gorda babá oferecia-lhe um pouco do chá que tinha feito para a patroa.

O homem não olhou para os dois. Com a mão direita, que exibia um grande anel, levantou o pires e, com a outra, levou a xícara aos lábios, soprando, para esfriar.

A babá sorriu timidamente para os jovens, fungando. Seus olhos estavam vermelhos, injetados de sangue.

O pequeno motorista enfiou o nariz dentro da xícara fumegante.

Pris levou Gil à geladeira. Serviu dois copos de água gelada.

A babá desculpou-se e saiu pela porta de serviço.

O pequeno motorista acariciava um esparadrapo grudado no rosto e não prestava qualquer atenção aos dois amigos.

Gil bebeu e foi até a pia deixar o copo vazio.

Torceu o nariz. Perto da torneira, havia a metade de uma cebola. Não gostava de cebola. Principalmente crua.

* * *

Os dois voltaram para a sala.

O policial Oliveira estava afundado em uma poltrona e nem olhou para o lado deles.

J. J. falava ao telefone com alguém.

— Não quero saber se vocês têm ou não têm todo esse dinheiro em caixa! Mande buscar! Chame um carro forte! Meu irmão vai estar aí lá pelo meio dia e eu exijo que toda essa quantia esteja pronta!

Gil ouviu o clic do telefone e outra vez a voz de J. J.

— Pronto. Com o Bank of Boston está tudo certo. Vou agora falar com o First National...

"Hum, pelo jeito, essa negociação toda ainda vai demorar um pouco...", pensou Gil. "Talvez eu ainda tenha tempo..."

Andando lentamente, Gil chegou ao sofá para onde Pris tinha voltado.

Naquele momento, tinha de fazer tudo aquilo que sempre sonhara para aproximar-se daquela menina tão querida. Como por milagre, sua insegurança desaparecera. O que ele tinha de enfrentar era maior do que o medo que sempre sentira de levar um fora.

Sentou-se ao lado da garota, bem juntinho, colando-se a ela, como um gato se esfrega na dona, à espera de carinho.

— Pris, eu preciso de você...

A menina voltou o lindo rosto para ele, franzindo as sobrancelhas:

— O que é isso, Gil? Por que está falando tão baixo? Você acha que essa é hora para uma cantada? Ora, vê se te enx...

O rapaz falava sorrindo, como falam os apaixonados, mas as palavras que dizia não eram de amor.

— Finja que nós estamos namorando, Pris...

Fingir?! Ficou louco, Gil?

— Psiu... É uma questão de vida ou morte, Pris. Confie em mim...

A garota estava surpresa. Mas alguma coisa lhe dizia que devia confiar no garoto. Fez o jogo dele e sorriu, como se tivesse ouvido um elogio à cor de seus olhos. Mas o que dizia combinava mais com uma expressão de fúria:

— Você sempre foi um chato, Gil! O que pretende, agora?

O rapaz passou o braço pelos ombros da menina e sussurrou em seu ouvido:

— Já descobri tudo...

— Descobriu tudo? Descobriu o quê?

— Tudo é tudo, Pris. Já sei tudo o que aconteceu, como aconteceu, quem são os culpados e até onde está o Mark...

9. O que, como, quem e onde

Pris sorriu, com um tom de desprezo que feria o coração do rapaz. Mas, naquele momento, ele não podia pensar em si, nem em seu orgulho. Havia uma vida em jogo, talvez mais.

Não demonstrou sua ferida, porém. Continuou representando o namorado. Aquela era a combinação que deveria afastar quaisquer suspeitas, se, por acaso, o detetive Oliveira, sentado a menos de cinco metros, resolvesse se interessar pela conversa dos dois adolescentes.

O pouco caso de Pris mostrou-se em palavras:

— Oh, então você agora virou detetive, é? Está bem, se quer bancar o ridículo, esteja à vontade. Vá lá e diga tudo o que sabe para a polícia!

O rapaz acariciou os lindos cabelos soltos daquela que ele gostaria acariciar de verdade, não numa encenação, mas com o consentimento e o prazer da acariciada.

— Contar à polícia, Pris? A quem? Ao Dacosta? Ao Oliveira? Ao Carlão, que está lá fora? Mas esse é justamente o problema, querida. Esses são os bandidos...

A expressão da menina estava quase correspondendo aos afagos de Gil. Mas, ao ouvir aquilo, seu olhar retomou o brilho de fúria e de desprezo:

— Por que você apareceu por aqui, Gil? Numa hora miserável como essa, o que a gente menos precisava era de um menino que gosta de brincar de detetive!

O que disse era agressivo, mas sua voz continuava baixa, dentro do jogo proposto por Gil.

— Calma, Pris. Eu não estou brincando. Estamos numa enrascada que você nem imagina...

— É claro que eu imagino! Eu...

— Psiu... Raciocine comigo. Primeiro: lembra-se de ter me dito que os policiais chegaram discretamente, como o pai de Mark tinha pedido, sem fazer nenhum barulho?

— Sim, e daí?

— Daí que eles não chegaram. Eles já estavam! Você não ouviu nenhum automóvel chegando porque eles ficaram estacionados nesta rua a noite toda!

— Ora, que besteira, Gil! Como é que eles podiam estar a noite toda aqui? Eles não são policiais de uma ronda comum. São especialistas da Divisão Anti Seqüestro! Como é que eles podiam adivinhar que haveria um seqüestro justo aqui, nesta casa?

— Se eles mesmos fossem os seqüestradores, ficava fácil adivinhar...

— O que é que você está falando, Gil?

O rapaz cochichava devagar, como se estivesse namorando, mas sua vontade era disparar tudo o que sabia para a menina como se sua voz fosse 'ma metralhadora:

— Aqui, quase em frente da casa, há uma perua velha, com chapa particular. Daquelas que só a polícia usa. Agora mesmo eu vi o tal Carlão entrando na perua. Está com a capota coberta de florzinhas amarelas e úmida de orvalho. Por baixo, está sequinha, como todos os carros que passaram a noite estacionados nesta rua!

— Gil! O que você está dizendo?

— Você não achou estranho, Pris, esses policiais ficarem aqui o tempo todo rondando, esperando os telefonemas, discutindo como conseguir o resgate, sem nunca falar com alguma delegacia e pedir investigações? Notou que o Dacosta ouviu a gravação do telefonema do seqüestrador e nem se preocupou de pedir alguma perícia policial para descobrir de quem é a voz?

— Mas eu vi as credenciais de polícia deles. Será que são falsas?

— Não, Pris. São verdadeiras. O que não é verdadeira é a honestidade desses três...

— Você tem visto muito filme policial, Gil! A profissão desses policiais é prender seqüestradores! — Esses podem ser daquele tipo de policial que comete os crimes, em vez de combater-los...

— Mas, e os telefonemas? Eu mesma vi o senhor

Bradford ligar para a polícia. Como é que eles poderiam...

Gil cortou, gentilmente:

— Quando eu cheguei aqui, Pris, havia um homem encarapitado em cima de um poste. Esses bandidos são policiais, mais especialistas que 'qualquer seqüestrador. Aquele sujeito deve ter interceptado o telefone daqui. Quando o senhor Bradford telefonou, o

bandido fez a ligação cair provavelmente no celular do Dacosta, ou em outro aparelho qualquer, atendido por alguém de dentro do esquema todo.

— Mas agora mesmo o senhor Bradford estava ligando para os bancos e...

— O sujeito em cima do poste pode liberar o telefone quando quiser, Pris. É um técnico, na certa.

Pris calou-se. O que Gil dizia não parecia tão maluco. E se fosse verdade?

— Meu Deus, Gil! O que é que a gente vai fazer? Se esse tal sujeito controla o telefone daqui, nem adiantaria a gente tentar falar com a polícia lá de cima, em uma extensão...

— Temos de agir só nós dois, Pris...

— Só nós dois? Nada disso! Vamos dar um jeito de contar tudo para o senhor Bradford e para o senhor Norman!

Gil suspirou baixinho.

— Não, Pris. O Dacosta não vai deixar os Bradford sozinhos nem por um momento. E, para o Norman, não adianta falar nada...

— Não adianta? Por quê?

Gil falou com a segurança de um detetive de livro policial inglês:

— Porque o Norman é o cabeça do seqüestro!

Os olhinhos da menina arregalaram-se:

— Como?! O próprio tio do Mark"?

— Sei que parece absurdo, Pris, mas a culpa dele é muito clara. Por que ele seqüestrou o próprio sobrinho eu não sei. Mas tenho certeza de que ele é o chefe dos bandidos. Notou que o Dacosta disse ainda há pouco "Não precisa ser educado, senhor Norman"?

— E o que é que tem isso?

— Tem que os dois são do esquema! Em nenhum momento, J. J. tinha falado o nome do irmão para ele!

— E mesmo... Ele nunca fala o nome do Norman. Só diz "meu irmão"...

— E, além disso, você não achou estranho que o Dacosta tenha dito para o senhor Bradford ligar para o celular do irmão?

— Ora, isso não tem a mínima importância, Gil. Todo mundo tem telefone celular, hoje em dia...

— Mesmo assim, eu achei estranho esse palpite do Dacosta. Mas a coisa piorou muito quando o tio do Mark chegou.

— Piorou? O que piorou?

— Se você for olhar ali do lado, na entrada de carros, vai ver o Mercedes do senhor Bradford úmido de sereno e coberto de florzinhas roxas, da quaresmeira do jardim. Afinal, o carro está aí desde as quatro e pouco da manhã, não é? Agora olhe atrás, para o BMW do Norman. Ele está coberto de florzinhas amarelas, das mesmas árvores da rua!

— Quer dizer que...

— Quero dizer que o carro do Norman também passou a noite aqui, estacionado nesta alameda!

10. O sono dos anjos

Pris sacudiu lentamente a cabeça, apalermada com as revelações do amigo. Como ela não tinha visto tudo aquilo?

— Gil, que horror! Temos de avisar alguém de fora. Quem sabe, se a gente der um bilhete para o motorista do Norman...

O rapaz quase deu uma gargalhada.

— Esse é o pior, Pris!

— O pior? Como assim?

Com a pontinha dos dedos, Gil tocou delicadamente a marca arroxeadada na face direita da menina.

— Foi ele que fez isso em você, querida...

— O motorista? Como você sabe?

— Não é difícil. Lembra-se que você me disse que, quando as luzes se apagaram, parecia que aquelas estatuetas do fundo da sala tinham tomado vida? Elas são exatamente da altura de um homem baixinho e magro como o motorista do Norman...

A menina não engoliu essa:

— Agora você foi longe demais, Gil. Desse jeito, você vai desconfiar de todos os baixinhos e magros da cidade!

Gil continuou falando didaticamente, como se explicasse uma equação de Matemática para um aluno em recuperação:

— Você recebeu dois socos desferidos por alguém que estava à sua frente, Pris.

Os dois na face direita. Assim, esses socos só podem ter sido dados por um canhoto. Você notou que o motorista estava agora mesmo, lá na copa, tomando chá e segurando a xícara com a mão esquerda?

Pris teimou:

— Mesmo assim isso não prova nada. Eu posso ter sido ferida por alguém que usou as costas da mão direita para me bater. Sendo socada assim, eu também seria atingida do lado direito, não?

— E, podia ter sido outra pessoa. Mas, se tivesse sido o motorista, ele não usou as costas da mão direita, tenho certeza. Ele tem um grande anel no anular da mão direita. Se batesse com as costas daquela mão em você, haveria um belo arranhão feito pelo anel. Mas não foi isso que aconteceu. A marca do seu rosto é resultado de dois socos, com a mão esquerda fechada.

— Tudo bem, mas eu ainda digo que pode ter sido qualquer outra pessoa canhota. Ou um destro sem anel, batendo com as costas da mão!

— O motorista tem um curativo no rosto, Pris. Você notou? Lembra-se de ter me contado que se debateu quando eles a agarraram e seus braços chocaram-se com o rosto da sombra que a atacava pela frente? Pelo jeito, você machucou um pouco o baixinho. Ele teve até de arranjar um esparadrapo!

— Meu Deus!

Houve uma breve pausa naquele monte de revelações.

Dentro de si, Pris buscava desesperadamente uma saída:

— Estamos sozinhos, Gil... Com a babá, não adianta falar, porque ela é muito ingê...

— Aí está o último fio da meada — cortou Gil. — Ingênua nada! A babá está inteirinha dentro do bando de seqüestradores!

Pris teve de fazer um esforço enorme para não gritar com o amigo:

— Que loucura! A nanny adora o Mark! Não viu como ela chorou e se desesperou quando soube que...

— Você não sentiu um forte cheiro de cebola, Pris? Não notou uma cebola cortada sobre a pia? Por que ela cortaria uma cebola logo de manhã? A babá não é uma grande atriz, querida. Para ficar ostentando essa gorda cara de choro, ela precisou do auxílio de uma cebola fedidíssima!

— Mas isso não faz sentido, Gil!

— Lembra-se de ter me contado que vocês só notaram a chegada dela quando

ouviram sua chave na porta da cozinha? Por que ninguém viu a gorducha passar pelo portão de entrada?

— Bom, isso é verdade. Mas vai ver ela não foi para casa esta noite. Vai ver dormiu nas dependências de serviço. Vai ver...

— Lembra-se de ter me contado que, depois que os bandidos saíram levando o Mark, um completo silêncio envolveu tudo?

— S-sim...

— Completo silêncio? Como é que um carro de seqüestradores, levando um garotinho filho de um milionário, não saiu por aí cantando pneus? Você não ouviu nem mesmo o barulho de um carro saindo em primeira!

— Mas, então, nesse caso, eles fugiram com o Mark a pé?

— Não, Pris. Você teria ouvido o rangido do portão de ferro. Aquele portão é barulhento como ele só!

Pris baixou ainda mais a voz, assustada com a possibilidade de os bandidos descobrirem que eles sabiam de tudo. O que fariam com os dois?

— Não estou entendendo direito o que a babá tem a ver com toda essa história, Gil...

— A babá é o ponto de ligação dentro da casa, Pris. Não se lembra de o Dacosta ficar berrando que ninguém podia sair daqui? A babá sai o tempo todo pela porta de serviço e vai lá para os fundos. E os policiais não falam nada. Por que eles não falam nada, se todo mundo está proibido de sair de casa? E o que ela vai fazer lá atrás tantas vezes?

— Não posso fazer a mínima idéia.

Um ar de triunfo, que a menina nunca vira, iluminava o rosto de Gil:

— Esse é o ponto culminante, querida: o americaninho nunca saiu desta casa! Ele foi levado para as dependências de serviço. Está lá, na garagem, na lavanderia ou no depósito de ferramentas. Na certa narcotizado!

— E a babá...

— A gorducha está encarregada de cuidar dele, Pris. Vai lá toda hora para dar um olhada. Talvez para oferecer novas doses de clorofórmio para manter o sono do anjinho!

11. Talco e Laxante

J. J. Bradford continuava falando sem parar ao telefone. Sua influência parecia ser suficiente para abrir os cofres de qualquer banco.

Do outro lado da sala, à vista de todos, do casal de pais desesperados e dos seqüestradores, Gil e Pris ficaram combinando o que fazer. Se algum dos outros se preocupasse em olhar para eles, pensaria que eram dois namoradinhos adolescentes conversando com a alegria dos excitados.

Mas, pelo menos quanto a Gil, raramente alguém se preocuparia com sua presença. Ele era "médio", daqueles que passam despercebidos.

E, agora, Gil queria passar despercebido.

— Eu preciso de um pouquinho de farinha de trigo, de polvilho ou de maisena, Pris.

— Ué! Para que isso?

— Faz parte de uma idéia que eu arquitetei. Você conseguiria um pouco? Não preciso mais de um punhado.

— Vai ser difícil xeretar na despensa com a babá e o motorista lá, plantados na copa...

— Droga! Talvez a gente pudesse se virar com um pouco de talco que você pegasse lá em cima, no banheiro da americana. Mas talco é perfumado. O que eu preciso é de um pó branco, sem perfume nenhum!

Pris conseguiu resolver o problema:

— O Mark usa um talquinho de polvilho para assaduras que não tem cheiro nenhum. Está lá em cima, na cômoda do quarto dele...

— Ótimo. Vá lá e arranje um envelope de plástico pequeno, transparente. Ponha um punhadinho do talco do Mark dentro e me traga.

Nesse momento, Oliveira levantou-se e entrou em uma porta que ficava logo após as duas estátuas, à direita do corredor. Era o lavabo social.

Gil sorriu. Uma idéia deliciosa surgiu-lhe de repente.

— Será que lá em cima, entre os remédios da casa, você não arranjará um pouco de purgante, Pris?

— Purgante? Para quê?

— Depois eu explico. Será que você consegue?

— Consigo. Dona Nancy tem problemas de intestino. Ela usa um laxativo importado. Diz que tem um gosto delicioso, mas que só se pode tomar um pouquinho. É forte

demais...

— E disso mesmo que eu preciso. Forte demais e com gosto delicioso!

— Eu vou buscar...

— Espere. Qual é o quarto que se abre para o telhado?

— Na frente? É a suite do casal...

— Muito bem. Nessa janela, você vai montar a última ratoeira, para o caso de alguma das outras dar errado.

— Ratoeiras?

— Para ratos grandes. Vamos montar uma porção de ratoeiras em toda esta casa, Pris. Enquanto você vai lá em cima, eu vou até o lavabo, preparar outras ratoeiras. Agora ouça, Pris. Meu plano é este...

* * *

Pris aproximou-se da americana, com a carinha mais inocente do mundo.

— Dona Nancy, vou até lá em cima, buscar umas coisas que eu deixei na mochila, está bem?

— Claro, querida. Esteja à vontade...

A menina subiu as escadas, enquanto Gil ia devagar, despreocupado, para o lavabo, que já havia sido desocupado por Oliveira.

Entrou no lavabo e deixou a porta entreaberta. Da sala, ninguém podia ver a porta, atrás das duas estátuas.

O rapaz tinha um canivete incrementado, presente dos seus quinze anos recém feitos. Além de lâmina, abridor e saca-rolhas, o canivete tinha uma chave de fenda. Desatarrachou os parafusos da fechadura e retirou o miolo. Mexeu na mola da tranca, deixando-a frouxa. Na primeira vez que alguém virasse a tranca, a porta não poderia mais ser aberta por dentro.

"Esse é um risco que eu tenho de correr...", pensava ele. "O Oliveira já usou o banheiro. Espero que o J. J. ou a dona Nancy não precisem do banheiro antes de o meu plano dar resultado..."

Saiu do lavabo e viu Pris descendo as escadas. A garota reuniu-se novamente com ele no sofá de sempre. Gil pegou sua mãozinha, como se namorasse. Sentiu o envelopinho de plástico. Guardou-o no bolso.

— Agora, Pris, coragem. Vamos ao próximo passo...

A menina acenou com a cabeça.

Gil perambulou um pouco pela sala e aproximou-se de uma mesinha, perto da porta de entrada. Ficou mexendo em umas revistas, como se quisesse escolher alguma para passar o tempo.

Pris voltou a subir as escadas, devagar.

Quando estava quase no alto, respirou bem fundo e começou o seu show:

— Ai, Mark! O que fizeram com você?

Todos as pessoas que estavam na sala ergueram os olhos para Pris.

E viram-na chorar e debater-se, agarrada ao corrimão, como se estivesse à beira de um ataque.

Dona Nancy correu para lá, seguida pelo marido. Norman, Dacosta e Oliveira foram atrás.

— Pris! Calma, minha filha! O que está acontecendo?

Da copa, o motorista e a babá apareceram, correndo também em direção à escada e juntando-se à confusão que já se formara.

Gil desapareceu pela porta da frente. "Rápido! Preciso agir rápido!"

Abaixou-se à frente do BMW e desparafusou freneticamente a chapa da frente. Em segundos, jogou-a atrás de uma moita de orquídeas.

Voltou para a sala a tempo de ver aquela gente toda que tentava controlar os "espasmos" de Pris, que se debatia e arriscava-se a despencar das escadas.

Correu para lá, fazendo cara de preocupadíssimo. Na mesma hora, Pris parou de debater-se e largou o corpo nos braços que a sustentavam.

De olhos fechados, respirava profundamente.

— Está melhor, querida? — perguntava dona Nancy.

Com um fio de voz, a menina respondeu:

— S-sim... acho que sim...

O que aconteceu? Você ficou nervosa. Acho que essa pressão toda...

— Anh... desculpe, dona Nancy... Mas o Mark...

— Calma, querida, tudo vai acabar bem...

Gil furou o bloqueio de todos aqueles corpos e u a garota.

— Podem deixar. A Pris é assim mesmo. Muito nervosa, a senhora sabe. Mas eu já estou acostumado. Pode deixar que eu cuido dela. Vou levá-la até a cozinha. Um pouco d'água e tudo voltará ao normal...

Apoiando-se nele, Pris voltou a descer as escadas. Aos poucos, os outros

tranqüilizaram-se.

— Vamos — disse J. J. — Ainda tenho um telefonema para fazer.

12. They aren't kidding!

Depois que todos já tinham voltado para a sala, Pris e Gil foram para a copa, atrás do motorista e da babá.

Ainda abraçados, chegaram à mesa. Pris apoiou-se nela e Gil foi buscar o copo d'água. Voltou por trás da mesa. Quando estava bem atrás da cadeira onde o motorista voltara a sentar-se, piscou para a menina.

Pris levou a mão à testa e cambaleou.

— O que foi, Pris? — assustou-se a babá. — Está se sentindo mal de novo?

Um suspiro e, mole como um saco de batatas,

Pris desabou no chão da copa, desmaiada. Instintivamente, o motorista saiu da cadeira e abaixou-se, tentando impedir sua queda. A babá ajoelhou-se, nervosa:

— Pris!

Gil não precisou de mais de um segundo para enfiar a mão no bolso do paletó do motorista, tirar de lá a carteira de documentos, enfiar o envelope de plástico com talco dentro dela e repô-la no lugar.

Logo estava também abaixado, "preocupadíssimo" com a menina.

— Pris, calma, eu estou aqui!

A garota abriu os olhos e pareceu recompor-se rapidamente.

O rapaz apoiou suas costas e ajudou-a a levantar-se.

— Acho que são seus ataques de epilepsia que voltaram, querida...

— Nada disso, Gil. Eu já estou bem. Acho que só um pouco fraca...

A babá achava-se no direito de aconselhar:

— É essa mania de vocês, meninas, viverem fazendo regime. Isso faz mal à saúde, Pris! Você precisa comer direito!

"Ah!", riu-se Gil, por dentro. "Para os gordos, a comida é solução pra tudo. Para nós, os magrinhos, vai ser mesmo a solução!"

* * *

Da copa, ouviram a campainha do telefone.

Os dois jovens voltaram apressados para a sala.

J. J. já tinha atendido e Oliveira ligava o gravador, enquanto Dacosta sacava o celular e sussurrava, fingindo que pedia para que a ligação fosse localizada.

— Sim! — falou J. J., ansiosamente. — Meu irmão sairá agora mesmo para buscar o dinheiro que vocês pediram. Por favor, tenham paciência e não façam nada com o meu filho... Não, eu não tenho tudo isso em depósitos e aplicações, mas meu irmão vai levantar o que falta, tomando empréstimos bancários em meu nome. Já assinei as procurações para ele e... Como? Uma fortuna como essa não estará disponível antes das duas da tarde... Está bem. Eu fico aguardando uma nova ligação. Mas, por favor...

Deviam ter desligado do outro lado da linha. O americano deixou cair o aparelho no tapete.

— Eles vão telefonar de novo, às duas horas, dizendo onde o resgate deve ser entregue. Só depois devolverão meu filho...

Dacosta pavoneou-se:

— Quando seu filho estiver são e salvo, a brincadeira ficará por minha conta! Prometo ao senhor que, até o fim da tarde, trarei seu dinheiro de volta e trancarei esses bandidos. Eles vão apodrecer na cadeia!

Pris olhou de lado para Gil.

Não precisaram falar nada.

Os dois sabiam que, quando J. J. ligasse para o celular do irmão informando o "local" onde o resgate deveria ser entregue, este seria o sinal combinado entre os bandidos e o seqüestro teria chegado ao fim. Norman esconderia o dinheiro e voltaria para a casa, continuando a encenação.

Dacosta, Oliveira e Carlão sairiam para "perseguir" os seqüestradores e desapareceriam.

Tudo estaria acabado.

Mark "reapareceria", como ' por encanto, provavelmente deixado na porta da casa, e J. J. nunca mais veria a cor da fortuna que levaria o resto da vida para pagar aos bancos.

Norman Bradford estava de pé, ao lado do irmão. Apertou-lhe o ombro com força e tentou confortá-lo:

— Calma, Jake. Vou sair agora mesmo com as procurações. No máximo em duas horas sacarei todo o resgate.

— Faça tudo o mais rápido possível, irmão — pediu J. J., já no limite das próprias forças. — It's not a joke! Those kidnappers aren't kidding!

Norman preparou-se para sair.

— Deixe tudo comigo, Jake. Vamos salvar meu sobrinho. Nancy, eu preciso de malas grandes, para levar todo esse dinheiro.

— Pode deixar que eu vou buscar as malas lá em cima — dona Nancy dirigiu-se apressada para as escadas.

Dacosta recomeçou com as ordens:

— Meu investigador, o Carlão, vai junto com o senhor e o motorista, senhor Norman. Não quero surpresas!

* * *

Gil olhava pelas frestas da cortina quando viu o motorista baixinho dar a partida no BMW e sair, levando o Carlão e Norman Bradford.

O rapaz sorriu.

13. Deliciosos sanduíches

— Parece que a babá adivinhou nossa idéia, não é, Pris?

A menina não respondeu. Sorriu para ele e dirigiu-se para onde estava o casal de americanos e Dacosta.

— Dona Nancy, desculpe, mas, se a senhora quiser, eu posso preparar uns sanduíches...

A americana levantou os olhos e devolveu o sorriso. Conseguia manter-se educada, mesmo vivendo uma pressão como aquela:

— Oh, é mesmo! Já passou da hora do almoço e vocês jovens devem estar com fome. Esteja à vontade, Pris.

Gil já esperava pela garota, na copa. A babá não estava. Devia ter ido dar mais uma dosezinha de narcótico ao menino.

Pris pegou o que precisava na geladeira, principalmente o grande pote de

maionese, ingrediente principal do plano.

Abriu um pacote de pão de fôrma e separou oito fatias, para quatro sanduíches.

Gil derramou uma boa quantidade de maionese em um prato fundo.

Do bolso da calça, Pris tirou um frasco, com um líquido leitoso, cor-de-rosa. Despejou-o fartamente sobre a maionese.

Gil misturou bem a maionese e o líquido. Depois, passou a mistura nas duas faces de quatro das oito fatias de pão.

A menina montou os quatro sanduíches com queijo e presunto. Dois deles receberam maionese normal, sem o líquido cor-de-rosa.

Tudo pronto. Dois sanduíches em cada prato. Num deles, dois com maionese "especial". Este ficou com Gil.

J. J. era um presidente de empresa. Homem duro, forte, bom negociador, dono da alma rija dos grandes capitalistas. Mas, depois que todas as providências para o pagamento do resgate tinham sido tomadas, o cansaço o venceu. Afundou-se no sofá, exausto, olhando fixamente para a frente.

— Mark is our only son, Nancy, my dear... I don't know what I'll do without him...

A esposa, forte também, controlada, escondia sua ansiedade sob um falso sorriso confortador. Alisou os cabelos do marido e sussurrou:

— Don't think about that, fake, please! Mark will be fine. Those people only want the money. They'll give back our little boy...

— I hope you're right, darling... I hope... Now, all we can do is wait...

Do lado do sofá, sem entender nada do que os americanos diziam, Dacosta estava calado. Sua expressão era tensa, à espera do desenlace de seu plano diabólico.

Pris entrou na sala primeiro, estendendo o prato para a americana.

— Dona Nancy, eu preparei estes sanduíches para a senhora e para mister J. J...

— Hum? Oh, obrigada, Pris. Mas não estamos com fome.

— Está bem. Vou deixar os sanduíches aqui, na mesinha...

Gil vinha em seguida e estendeu seu prato para Dacosta.

O delegado grandalhão pegou um dos sanduíches, sem falar nada.
Gil fez meia volta e estendeu o sanduíche restante para Oliveira.
O detetive pegou-o com avidez. Em um segundo, já havia abocanhado metade.
Os dois jovens voltaram calmamente para seu sofazinho.
— Agora, Pris, a sorte já está lançada. Não dá mais para recuar...
— Boa sorte, Gil. Vou agora para a cozinha.
— Boa sorte, Pris. Você acha que pode dar conta? — Deixe comigo, querido...
"Querido! Ela disse querido!"

Oliveira já tinha devorado seu sanduíche. Olhou em volta, aparentemente insatisfeito.

Gil tentava fazer a cara mais inexpressiva possível, mas seus olhos não desgrudavam de Dacosta.

O grandalhão estava mudo, à espera do momento em que o comparsa telefonaria e ele poderia ligar para o celular de Norman Bradford, concluindo o que haviam planejado.

Deu uma mordida no sanduíche e fez uma careta. — Como é que se pode pensar em comer, numa hora dessas?

Ainda mastigando, largou o sanduíche, sem preocupar-se sequer com a sujeira da maionese rosada que logo manchou o mogno do tampo da mesinha que ficava ao lado da ampla poltrona onde se instalara.

"Inferno!", praguejou Gil, por dentro. "O danado não vai comer? E o que é que eu faço contra um grandalhão desses?"

Nem haviam se passado dez minutos e metade do plano de Gil começou a fazer efeito.

Em meio ao silêncio de expectativa que dominava o casarão dos Bradford, ouviu-se um sonoro, um retumbante...

Pum!

Oliveira levantava-se, apertando a barriga com as duas mãos. Estava pálido e verde como uma alface. Meio cambaleando, correu em direção ao corredor das estatuetas,

em direção ao lavabo. Gil ouviu o ruído da fechadura.

Tlec!

Quando a babá entrou novamente na cozinha, encontrou Pris, plantada à frente dela. E estranhou a expressão da jovem baby sitter.

— O que foi, Pris?

Os olhos da menina fuzilaram-na: — Quieta, nanny! Eu já sei de tudo!

A gorducha arregalou-se toda e balbuciou: — S-sabe? O quê? O que é gu1e houve?

Pris não pesava nem a metade da babá, mas avançou o corpinho, dando a volta e caminhando de modo a fazer a mulher recuar.

— Pris! O que é isso?

— Calada, caladinha, sua seqüestradora nojenta!

A mulher empalideceu. Seus lábios tremiam.

- Eu? Não! Pris, por favor, eu não queria...

— Lá pra dentro! — ordenou Pris, com uma voz mais dura do que se estivesse empunhando uma arma.

Caminhando duramente, Pris forçava a babá a recuar em direção à porta da despensa. A mulher começou a chorar:

— Não, Pris! Me perdoe! Eu...

— E não chore! E não faça nenhum barulho! Calada! Entre na despensa!

O corpo gordo da babá tremia como geléia. A mulher entrou de costas na despensa, sem mais nenhum protesto.

— Fique aí dentro! E não faça nenhum barulho! Ai de você se alguém desconfiar que até um ratinho pode estar bulindo na despensa!

— Eu... eu... é claro, Pris...

A menina fechou a porta. Apoiou o espaldar de uma cadeira na fechadura e forçou-a.

Correu para a porta dos fundos.

De dentro, ouvia-se as pancadas de Oliveira, que esmurrava a porta do lavabo.

Capítulo 14 O último rato

— Chefe! Esse raio de porta não quer abrir! Oliveira esmurrava a porta violentamente. Dacosta correu para lá:

— Quietos! O que é isso? Quer chamar a atenção do bairro todo, seu idiota?

De dentro, vinha a voz de Oliveira:

— Mas, chefe, esse raio de porta parece que emperrou. Não consigo abrir!

— Espere! Fique quieto!

Dacosta forçou o trinco do lado de fora, mas a tranca já estava sem a mola e nada mais podia ser feito.

— Seu Bradford! — chamou Dacosta. — Onde é que tem uma chave de fenda? Essa porta emperrou! J. J. e a mulher aproximaram-se, sem entender o que tinha acontecido.

— O que houve, delegado?

— A porta do banheiro. Meu investigador não consegue abrir por dentro. Preciso de alguma ferramenta...

De dentro do lavabo, com o pânico de um rato na armadilha, Oliveira gritou:

— Saia da frente, chefe. Vou arrebentar esse troço a tiros!

Sem pensar no que dizia, Dacosta tentou controlar seu comparsa:

— Fique quieto, imbecil! Se alguém ouvir um tiro, estamos perdidos!

J. J. Bradford estranhou:

— O que quer dizer com isso, delegado Dacosta? Perdidos por quê?

Quando o bandido caiu em si e voltou-se, para tentar consertar a vacilada, seus olhos encontraram-se com os olhos de Gil.

O rapaz estava de pé, sorrindo, ainda dentro da sala, uns passos antes das estatuetas de mármore.

Falou calmo, mas falou claro e alto:

— Fale para o senhor Bradford, "delegado" Dacosta. Conte a ele sobre o seqüestro do pequeno Mark...

Dacosta não entendeu direito o que estava acontecendo. Inseguro, seus olhos saltavam de Gil para o americano, do americano para Gil.

— O quê? O que é isso? O que é que você está tentando dizer, seu... seu... Como é mesmo o seu nome?

O rapaz parecia seguro como uma rocha. Sorria, e quase gritava de orgulho:

— Meu nome é Gil, seu seqüestrador barato! GIL! Você nunca mais vai esquecer esse nome: GIL! Você terá todo o tempo do mundo para lembrar-se do meu nome. Do nome de quem arrancou sua máscara!

Dacosta continuava tentando retornar o curso do jogo para o seu lado...

— Esse moleque ficou louco, senhor Bradford?

... quando, da porta da cozinha, surgia Pris, carregando um cobertor de lã. Na extremidade do cobertor, junto ao seu ombro, uma cabeleirinha de cachos louros!

— Mark! — gritou Nancy Bradford, correndo para o filho, adormecido nos braços de Pris.

Num instante, duas cabeças entenderam tudo. Dacosta, que estava descoberto. E J. J. Bradford.

— Maldito moleque! — ameaçou Dacosta. — Vou acabar com você!

O corpo grande e magro de J. J. interpôs-se entre Gil e Dacosta.

Engalfinharam-se, com Nancy Bradford gritando.

J. J. era alto, mas não era páreo para o grandalhão. Dacosta, policial e bandido formado no crime que combatia e cometia, sabia usar da violência física com categoria.

Livrou-se do ataque do americano num repelão e acertou-lhe um soco demolidor, de baixo para cima.

J. J., desequilibrado, recuou.

Outro soco pegou-o no caminho e o americano desabou como um pugilista à beira do nocaute.

— Jake!

Dacosta parecia ter um tomate sobre os ombros. E foi esse rosto avermelhado que se desviou do adversário abatido e voltou-se para Gil.

— Agora é você, fedelho!

Gil recuava, agilmente, de costas, provocando: — Fedelho? Vá se acostumando, bandido. Meu nome é Gil. Gil! O nome que você lembrará a cada um dos dias de todas as décadas que vai mofar na cadeia!

O bandido avançou, furioso.

Mais ágil, Gil driblou sua investida e correu para as escadas. Tinha de levar o rato para a última ratoeira. A mais arriscada. A que tinha poucas chances de dar certo.

Dacosta sacou o revólver e correu atrás.

Gil, seguindo a descrição de Pris, correu direto para a suíte do casal Bradford.

— Venha, bandido! Meu nome é Gil! — Moleque! Maldito! — Repita comigo: Gil!

Embarafustou-se pelo quarto e, agilmente, saiu pela janela. Alcançou o telhado e caminhou por ele, distanciando-se da janela, com a maciez de um gato.

Dacosta entrou na suíte a tempo de ver o garoto sumindo pela janela.

Correu para lá e estendeu o braço com a arma para fora.

Gil não estava à vista. — Demônio de fedelho!

Não pensou nem um minuto nas conseqüências e forçou o corpanzil para fora da janela, apoiando o pé nas telhas.

Era essa a última ratoeira bolada por Gil e preparada por Pris.

As telhas estavam todas soltas e o peso do bandido fez o resto.

Dacosta escorregou como uma pedra solta na ribanceira, telhado abaixo!

Com a maior calma do mundo, como se passeasse num parque, Gil veio caminhando pelo telhado. Abaixou-se na beirada.

Lá estava Dacosta, agarrado desesperadamente ao cano da calha.

Os olhos dos dois encontraram-se novamente. Só que, desta vez, a posição de cada um havia se invertido.

O grandalhão, pálido de medo, balbuciou: — Gil, por favor... Me ajude a sair daqui! O rapaz sorriu.

— Oh, oh, quer dizer que agora você sabe o meu nome? Vamos, diga de novo: como eu me chamo?

— Gi-Gil...

— Outra vez!

— Gil!

— Mais alto!

— Não brinque, Gil, por favor...

— Eu não estou brincando, Dacosta. Eu não brinquei em nenhum momento, toda esta manhã.,.

Baixou o braço em direção ao bandido. Mas, em vez de agarrá-lo, enfiou a mão em seu bolso e sacou de lá o telefone celular de Dacosta.

— Qual é mesmo o número do telefone da Divisão Anti-Seqüestres, Dacosta?

Gaguejando, o mau policial respondeu.

— Ótimo, agora você está colaborando — cumprimentou Gil, digitando o número.

— E qual o nome de um delegado de lá? Um dos bons. Um que jamais entraria em jogadas como a sua?

— Chame... chame o doutor Cintra...

Gil aguardou até que atendessem e até que o doutor Cintra fosse localizado.

Palavra por palavra, explicou tudo o que tinha se passado na mansão de J. J. Bradford, desde aquela madrugada. E rematou:

— Ah, uma última coisa, doutor Cintra: No caminho para cá, prenda um sujeito que está trepado em um poste aqui, quase na esquina. Está esperando lá, para dar um telefonema, coitado... Acho que, agora, ele só vai poder falar no telefone para chamar seu advogado, não é?

Desligou e, ainda com a maior calma, recolocou o aparelho no bolso do paletó do bandido, pendurado como um gordo e velho macaco no galho.

— Gil, eu não agüento mais... Eu... eu não estou me sentindo bem...

— Agüente, Dacosta. São só uns quinze minutos... Logo, logo a polícia vai chegar para libertá-lo daí. É claro que esse é o único tipo de liberdade com que você pode sonhar daqui para a frente, não é?

Sem poder mais se conter, o bandido soltou o seu mais sonoro...

Pum!

O garoto estava de pé, na beirada do telhado, rindo como se estivesse num circo:

— Oh, que pena, Dacosta! Você só comeu um pedaço do meu sanduíche especial. O efeito demorou um pouco, mas não falhou! Alivie-se, Dacosta!

Capítulo 15 Uma ou duas pessoas...

A notícia daquele seqüestro foi um prato cheio para o jornalismo sensacionalista. Tanto os programas populares de televisão como os noticiários de jornal exploraram gostosamente cada detalhe daquela manhã incrível.

Norman Bradford, tesoureiro da multinacional de onde o irmão era presidente, planejava o seqüestro do próprio sobrinho, pois praticara desfalques na firma que estavam quase sendo descobertos pelo irmão. Metera-se em especulações financeiras desastrosas e o desespero levava-o àquele gesto enlouquecido. Teria muito tempo para pensar sobre tudo isso, cumprindo a longa pena a que seria certamente condenado, juntamente com os maus policiais que haviam aceitado ajudá-lo naquele crime.

Em cada canto, comentava-se entre gargalhadas a prisão de Norman Bradford. O BMW tinha sido parado por um policial rodoviário, quando os três bandidos tentavam escapar para o Paraguai, porque estava sem a chapa da frente. O motorista baixinho, certo de livrar-se do contratempo com facilidade, obedeceu ao guarda e entregou-lhe obedientemente a carteira de documentos. Ao deparar com aquele envelope plástico com um pozinho branco, o policial deu imediatamente voz de prisão a todo o bando. Em seguida, comentava-se a surpresa da polícia rodoviária, ao encontrar, no porta-malas do BMW, malas abarrotadas de dólares! Depois, riam também da cara da própria polícia, quando eles descobriram que tinham apanhado uma quadrilha de seqüestradores ao confundirem um talquinho de bumbum de nenen com cocaína...

Assunto de riso era também a descrição do triste estado em que encontraram Dacosta, pendurado em um cano de calha, chorando de medo e com as calças todas borradas! Diziam até que os policiais tiveram de dar um banho no homem antes de levá-lo para a cadeia...

Mas era com respeito que todos comentavam a incrível atuação dos dois adolescentes que, sozinhos, tinham descoberto toda a trama e, também sem a ajuda de ninguém, tinham conseguido prender o bando inteiro.

Um nome aparecia nas manchetes de todos os jornais: Gil.

No colégio, a manhã seguinte ao seqüestro foi uma confusão dos diabos.

Repórteres cercavam a escola desde o amanhecer. Câmeras de tevê espalhavam-se por todos os lados e qualquer aluno que tivesse alguma coisa para contar sobre Pris e sobre aquele incrível Gil conseguiu aparecer nos noticiários.

Mas Gil sabia como fugir da escola, pulando o muro no ponto onde o bedel não tinha como vigiar. Foi assim que ele e Pris conseguiram livrar-se dos repórteres.

Furtivamente, deram a volta no quarteirão e logo estavam longe, sentados em uma lanchonete, gozando as delícias do anonimato. Naquela lanchonete, não havia ninguém que se lembrasse da cara deles e era possível tomar um milk-shake calmamente.

A mão da menina apertava a de Gil e seus olhos não se desviavam, enlevados, do sorriso bonito e aliviado do rapaz.

— Ufa! Depois de tudo isso, a gente precisa de um pouco de calma, não é, Pris?

— Que bom que o Mark está ótimo, não, Gil? — comentou Pris. — O casal Bradford

está feliz que não se agüenta. Eu morria de medo que o menino ficasse com alguma fraqueza depois de todo aquele clorofórmio que a danada da babá estava dando para ele!

— Tudo acabou bem, Pris. Muito bem...

— E o que você vai fazer com a recompensa que mister J. J. vai dar a você?

— Ah, eu não quero recompensa nenhuma. O que eu vou ter na vida eu mesmo vou conquistar. Fiz o que tinha de fazer. Só isso.

A garota sorriu:

— Por que você não está gostando dessa badalação toda, querido? Você não queria provar a todo mundo do que você é capaz?

Gil respondeu seriamente, olhando fundo nos olhos da garota que ele tanto queria. E que agora estava a seu lado.

— Não, Pris. Somente a uma ou duas pessoas.

— É? E quem são essas pessoas?

— Uma sou eu. Eu precisava mostrar, para mim mesmo, que eu sou mais eu...

— E a outra?

— A outra é você...

